

As ruínas marcadas pelas placas de “Aluga-se”: um experimento artístico etnográfico nas ruas da Cidade Alta, Natal-RN

The ruins marked by "For Rent" signs: an ethnographic artistic experiment in the streets of Cidade Alta, Natal-RN.

João Vitor Holanda Martin

Universidade Federal do Rio Grande Norte -UFRN

Natal-RN, Brasil

vitor.martins.018@ufrn.edu.br

<https://orcid.org/0009-0003-6288-9634>

Recebido em: 17 de fevereiro de 2025

Aceito em: 04 de abril de 2025

Resumo

O presente trabalho trata-se de uma experiência etnográfica no centro da cidade de Natal relacionando a antropologia com a prática audiovisual. Entre o final de 2023 e início de 2024 produzi, como trabalho final da disciplina Seminário Especial de Antropologia IV um filme etnográfico com temática envolvendo a saída das lojas do centro histórico, problemática que atravessa a Cidade Alta atualmente. A partir desse trabalho busquei discutir essa questão para refletirmos essa região e pensarmos as placas de “Aluga-se” como a sinalização das ruínas do centro histórico de Natal. Ainda no presente artigo retomo algumas discussões sobre as imagens e sons como elementos da paisagem, e a utilização da Fotografia no fazer antropológico para reflexão e contribuição em nossos trabalhos etnográficos.

Palavras-chave: Antropologia Urban; Paisagem; Imagens; Experimento. Ruínas.

Abstract

The present work is an ethnographic experience in the center of the city of Natal relating anthropology with audiovisual practice. Between the end of 2023 and the beginning of 2024, I produced, as the final work of the Special Anthropology Seminar IV discipline, an ethnographic film with thematic involvement of the departure of stores from the historic center, a problem that currently permeates Cidade Alta. From this work, I sought to discuss this issue so that we could reflect on this region and think of the “For Rent” signs as signs of the ruins of the historic center of Natal. Still in this article, I return to some discussions about images and sounds as elements of the landscape, and the use of Photography in anthropological work for reflection and contribution to our ethnographic work.

Keywords: Urban Anthropology; Landscape; Images; Experiments; Ruins.

Introdução

Este trabalho trata-se de uma reflexão sobre o centro histórico de Natal-RN nas imediações do bairro da Cidade Alta, o primeiro a se formar na capital potiguar e o qual passou ao longo de sua história por uma série de transformações urbanas. O trabalho sobre as placas de “Aluga-se” surgiram de uma experiência em sala de aula com a prof^a Dra^a Giovanna Braga que chegou a UFRN como professora visitante, a mesma lecionou uma disciplina sobre Patrimônio e Memória onde fizemos uma série de discussões sobre as ruínas, memórias, prédios históricos e outras questões.

Na época já estava pesquisando sobre o centro histórico de Natal, os agentes culturais e as disputas e relações envolvendo grupos e artistas de produtores, fazedores de cultura e afins, mas ciente de outros problemas que atravessavam a Cidade Alta no período que cursei a disciplina (primeiro semestre de 2024) e agora, entre as problemáticas a diminuição da frota do transporte público, as reformas em vias principais do bairro como a Avenida Rio Branco e Rua João Pessoa, e o que irei discorrer neste artigo: o esvaziamento do comércio no bairro. Desse modo o fluxo de pessoas estava diminuindo na região e a paisagem se modificava, seja a partir das tais reformas da prefeitura, seja pelas placas de “Aluga-se” que se espalhavam a cada nova loja que se fechava. Diante deste cenário, cursando uma disciplina onde discutia questões que me remetiam ao centro histórico, senti que esta poderia ser uma oportunidade para explorar essas questões, não apenas isso, como utilizar as fotografias e vídeos como ferramentas antropológicas para observar, analisar e falar sobre uma localidade.

Nesse período eu já frequentava a Cidade Alta com maior constância, as caminhadas nesse período já eram uma metodologia de pesquisa para pensar a cidade. Arelado às ideias de deambulações (Careri, 2017) e do Flâneur de Walter Benjamin (2009) já percorria o bairro como este caminhante observador que se atenta aos detalhes e elementos que a cidade apresentava. Como minha pesquisa se refere mais especificamente aos agentes culturais, minhas observações se davam a noite, momento que o comércio fechava, as pessoas retornavam de seus trabalhos, e os bares e botecos abriam para um novo público que chegava para se divertir no Beco da Lama¹ e

¹ Ponto tradicional de cultura na Cidade Alta, o Beco da Lama e adjacências tem diversos bares, botecos, onde ocorre samba, pagode, entre shows e eventos diversos.

adjacências, porém essa experiência sobre as lojas fechadas e as placas de Aluga-se se referiam ao dia, ao percorrer o centro observando a paisagem e como esta refletia sobre o imaginário popular.

Neste cenário de escassez, meu exercício também se dava no sentido de pensar as placas de Aluga-se enquanto as ruínas da Cidade Alta, ruínas essas lado a lado também de um cenário de atividade, de lojas, farmácias e um comércio que lá ainda permanecia, de frequentadores que por lá ainda tinham suas atividades e também desses produtores e artistas que disputavam o bairro e continuavam a realizar seus eventos, projetos e atividades culturais. Meu trabalho referente ao centro histórico também exercia um movimento de enxergar a Cidade Alta por uma ótica da “vida” me contrapondo às percepções dessa localidade como um lugar que “morreu” ou está “morrendo” algo que está no imaginário popular.

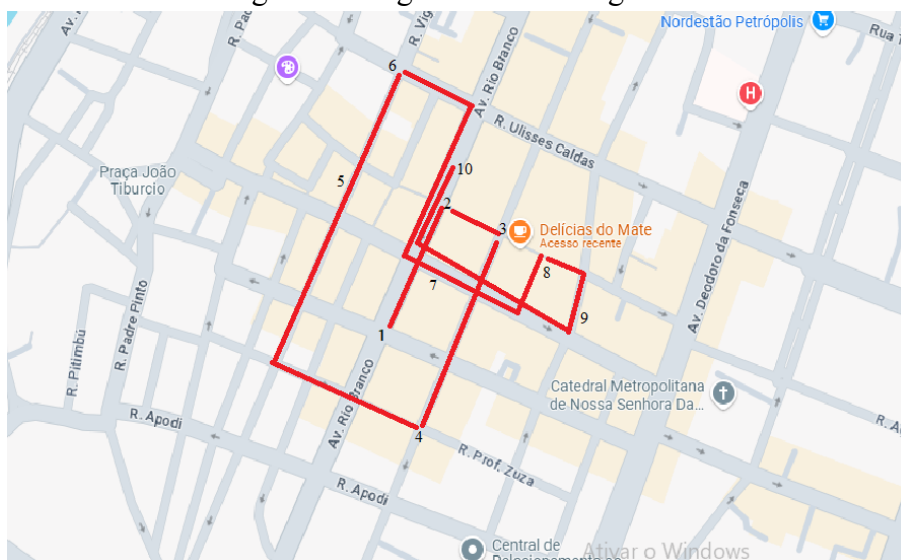
Por fim, meu caminhar e observar a Cidade Alta também se tratava de um exercício do uso das imagens no meu trabalho, registrar o cenário presente, dialogar com as imagens para discutir essa problemática. Para além dos registros fotográficos, me propus a fazer um filme, ou como também costumo chamar “experimento artístico etnográfico” sobre esse tema, então assim o fiz. Para a realização do filme “Aluga-se” como também para as fotografias, tive a ajuda da, também antropóloga, Ioanna Augusta, que me auxiliou a pensar roteiro, andar pela cidade, se dispôs a atuar e estar nas imagens como também nas reflexões e interlocuções que tivemos sobre essa atividade. A partir de agora pretendo discorrer sobre esse processo de produção do filme, os registros e as reflexões que podemos fazer sobre a Cidade Alta.

Paisagem, sons e as imagens do cotidiano da Cidade Alta

Utilizar as imagens no meu trabalho acadêmico era um desejo que eu já tinha comigo desde o início do meu trabalho na Antropologia, assim, quando pensei em fazer algo nesse sentido, me permiti experimentar formas e me despreocupar em relação a que tipo de equipamentos poderia usar, assim, resolvi fazer este tal filme com meu celular, captando imagens que achava interessante, posteriormente fazendo montagem, edição e minhas reflexões sobre o que estava montando ali, que narrativa queria desenvolver a partir do que encontrava no meu percurso, para entender o como das coisas e as maneiras como as imagens nos fazem pensar (Etienne, 2021).

Com a câmera em mãos, passamos a caminhar pelas ruas da Cidade Alta, no meio da tarde, sem um percurso definido ou prédios específicos a fotografar, o fazer foi se construindo no decorrer desse processo, porém seguimos pelas seguintes ruas, não necessariamente nesta ordem: Avenida Rio Branco; Rua Princesa Isabel; para ir de uma rua a outra, estas que são paralelas, “cortamos caminho” por uma viela com pequenas lojas e camelôs; em seguida, Rua General. Osório, até retornar a Av. Rio Branco; Rua Vig. Bartolomeu; logo depois pela Rua Ulisses Caldas até retornar a Rua João Pessoa, nesta rua também “cortamos” caminho até a Rua Coronel Cascudo ou como é costume falar, a “Rua do [Chá] Mate” e passamos pela rua Felipe Camarão para voltar à Rua João Pessoa, por fim terminamos novamente na Av. Rio Branco.

Figura 1: Mapa da Cidade Alta com percurso feito nas gravações e registros fotográficos de “Aluga-se”.



Fonte: Google Maps com tracejado feito pelo autor.

Como é de se perceber, fizemos uma caminhada em círculos, passando duas ou três vezes em alguns trechos, indo e voltando, percorrendo por onde parecia ser interessante seguir. Fotografando e fazendo vídeos, nesses Ioanna Augusta aparecia passando pelas fachadas das lojas, cruzando as placas, atravessando ruas, interagindo, mesmo que indiretamente, com esta paisagem. Ao rever as imagens percebi também uma interação dos outros agentes que apareciam em meus registros, como também as problemáticas apontadas na introdução deste artigo, então para além das placas podemos enxergar tapumes, trechos de obras, o fluxo menor de pessoas e veículos, como se a velocidade do centro de Natal também tivesse reduzida, num

ritmo menos frenético. Propositamente deixamos os sons originais ao longo do filme, motores, diálogos, o vento, e outros “ruídos”, assim trazendo também a paisagem sonora da Cidade Alta.

Refletir antropológicamente sobre o Som e como este elemento nos traz possibilidade para observar e compreender contextos e lugares. Vedana (2018) nos aponta que uma reflexão etnográfica do som nos convoca a compreender melhor a escuta. Ainda para a autora esses sons complementam nossa percepção sobre um determinado lugar para então a partir da nossa percepção construirmos nossa narrativa sobre esse lugar. “Gravação, montagem e edição, nesse caso, não estão relacionadas a uma representação ou reprodução do real, mas a aproximações e transformações das dinâmicas das relações vividas (em campo) para outro meio (a narrativa, o documentário)” (VEDANA, 2018). Aqui não pretendo me aprofundar nessas reflexões, apenas destacar como elas foram importantes para pensar conceitualmente este meu trabalho de modo a trazer a paisagem visual (nas imagens) e a sonora (nos sons) e essa montagem como uma aproximação das dinâmicas do centro histórico de Natal.

Figura 2: Capa (temporária) do filme *Aluga-se*. Ao centro Ioanna Augusta.



Fonte: Acervo pessoal, outubro de 2024.

Figuras 3 e 4: Ioanna, na rua General Osório. Os prédios na imagem eram pequenos comércios, bares e lojas. Na segunda imagem meu reflexo na porta de vidro de um estabelecimento que era a Padaria “João Pessoa”, atualmente localizada na mesma rua, em outro ponto



Fonte: Acervo Pessoal, outubro de 2024.

Em determinado momento do nosso trajeto passamos pela “Discol”, loja tradicional de discos, camisas e outros adereços envolvendo música, onde periodicamente temos eventos culturais ocorrendo por lá. Ao rever as imagens desse momento tocava uma música nas caixas de som da loja, no momento da captação não me atentei o suficiente e após ver e ver o vídeo ouvia um trecho da música que me tocava onde era cantado “ai seu eu pudesse...”. Me intriga até o momento dessa escrita não saber o nome dessa canção e intérprete pois ela surge na edição do filme como, primeiramente, o único momento que temos algo falado, e também como uma espécie de anseio sobre os anseios para a Cidade Alta, como quem a partir das memórias gostaria de trazer de volta algumas coisas, refazer algo que não deu certo ou reconfigurar os cenários daquelas ruas, assim no filme esse trecho se repete sucessivas vezes.

Por fim, o trajeto espontâneo e a edição de imagens de modo a fazer com que o filme parece não ter “início, meio ou fim” foi uma escolha estética-conceitual para representar essa Cidade Alta que também parece não ter início, meio ou fim. Historicamente o bairro sofreu diversas transformações de sua urbe, lojas que fecharam ao lado de espaços com décadas de atuação, uma quantidade menor de pessoas circulando pelas ruas do centro em detrimento de assíduos frequentadores do Beco da Lama nas quintas-feiras e sábados (dias de maior

movimento nas noites do centro). Uma problemática do comércio local a qual não temos respostas, em meio a tudo isso uma paisagem que também se transforma e carrega consigo as memórias daqueles que frequentaram ou continuam a vivenciar a Cidade Alta. Como aponta Etienne (2021) “a imagem nos oferece algo a pensar” [...] ela é por si só, “portadora de pensamento, isto é, veicula pensamentos” (ETIENNE, 2021). Desse modo, que as imagens do centro de Natal nos faça pensar sobre esse lugar e essa cidade.

Fotografias, acervo e reflexões sobre lojas fechadas

O exercício de produção e reflexão sobre as imagens vem se mostrando cada vez mais um rico campo para a Antropologia, as palavras e os textos nos apresentam questões e problemáticas, mas as fotografias nos permitem aprofundar nossas reflexões, nos mostram detalhes outros, e nos permitem interpretar e fabular sobre coisas, objetos, contextos e lugares. Como nos fala Ingold (2019) “A Antropologia não lhe diz o que você quer saber; ela abala os fundamentos daquilo que você pensava que já sabia”. (INGOLD, 2019, p. 60), assim acredito que ao estar em campo estamos predispostos a nos surpreender com o que o nosso campo pode nos dizer, as imagens surgem também com essa capacidade de abalo, de comoção e emoção nas representações visuais construídas por nós, Para Coradini “As imagens podem manifestar-se através de sombras, sonhos, memórias, estátuas, edifícios; Podem ser algo que nunca existiu ou que existiu e não existe mais; Sua característica é despertar diversos sentidos na mente” (CORADINI, 1999). Assim, no contexto da Cidade Alta as lojas fechadas apontam objetivamente um novo espaço disponível para locação, mas também nos conta que algo existiu ali, vivências, memórias, o cotidiano, e em último caso as placas de “Aluga-se” sinalizam as ruínas de um bairro que continuar a se modificar.

Figuras 5 e 6: Prédio localizado na Rua Princesa Isabel e o segundo, antiga loja C&A na Av. Rio Branco



Fonte: Acervo Pessoal, outubro de 2024.

Figuras 7, 8 e 9: Frequentadores como parte do cenário. As placas em meio a paisagem da Cidade Alta.



Fonte: Acervo Pessoal, outubro de 2024.

Figuras 10 e 11: Prédios da Av. Rio Branco.



Fonte: Acervo Pessoal, outubro de 2024.

O presente trabalho se dá no sentido de pensar as imagens, paisagens visuais e sonoras como também discutir a problemática do esvaziamento do comércio na região central de Natal. Em diálogo com autores como Etienne (2021), Vedana (2018), Ingold (2019) e Coradini (1999), assim como fazendo reflexões sobre o caminhar como ferramenta de pesquisa e observação a partir de Careri (2017) e Benjamin (2009), autores contemporâneos que muito tem contribuído para o fazer antropológico.

Atrelado às discussões acadêmicas, esta produção também se refere ao fazer etnográfico junto a produção artística, fotográfica, utilizando elementos do audiovisual para realizar uma produção de caráter antropológico que contribui nas discussões sobre cidade e contextos urbanos. Para Ingold “Como a arte, a antropologia não precisa se comprometer apenas com a descrição e a análise das coisas como elas são. Ela também pode ser experimental e aberta à especulação” (INGOLD, 2019). Então, quando me referi no início deste artigo a este filme como um “experimento artístico etnográfico”, se deu no sentido de atrelar esses campos, de forma a refletir sobre outras formas de fazer antropologia. Pensar a Cidade Alta a partir das placas de Aluga-se é propor uma discussão sobre o contexto do bairro que está evidenciado na paisagem das ruas e avenidas, no cotidiano e na forma como os frequentadores interagem e interpretam esse local desse modo.

Considerações finais

A cidade é um campo de relações, de criação de identidades onde se dão uma série de processos que compõe o cotidiano das pessoas que vivem neste lugar, nesse contexto podemos pensar os centros históricos como lugares onde nascem as cidades a partir dos primeiros bairros, comércios e habitações, são também nessas localidades onde geralmente é conservada parte da arquitetura de séculos passados, e com isso a ideia de conservação da “história” das cidades.

Ao longo dos últimos anos a Cidade Alta vem passando por um processo de esvaziamento, onde lojas do varejo de pequeno, médio e grande porte cada vez mais estão saindo do centro da cidade. Outro ponto que afeta o centro histórico é a redução da frota e retirada de linhas de ônibus, por parte da Prefeitura. Ação iniciada durante o período da pandemia de Covid-19, e que perdura até hoje, mesmo com ações judiciais que exigem o

retorno das linhas² nada foi feito e Natal continua a enfrentar um problema sério de mobilidade urbana, mesmo tendo, em 2025, umas das passagens de ônibus mais caras do Nordeste³. Atualmente, outra problemática que afeta o centro são as reformas estruturais que bloqueiam ruas, trajetos e que modificam mais uma vez a paisagem da Cidade Alta.

Nesse contexto, as placas de “Aluga-se” passaram a tomar de conta de inúmeros pontos de comércios na região, assim o fluxo de pessoas é cada vez menor, e seja para quem trabalha ou para quem vai esporadicamente para fazer compras ou se divertir no bares e boates que ainda se mantém na Cidade Alta, o sentimento que se perpetua é a saudade de um outro tempo onde havia mais “vida” no local. A realização de um filme e de fotografias sobre a Cidade Alta e essas questões se dão no sentido de contribuir sobre as discussões na Antropologia Urbana, Imagens, Sons no contexto do centro histórico de Natal.

Quanto ao filme⁴, atualmente está salvo em meu acervo pessoal, também disponível no Youtube como “vídeo não listado”. Este trabalho mesmo sendo realizado entre 2023 e 2024, ainda continua guardado, com algumas oportunidades onde apresentei, discuti e mostrei essa produção, assim, pretendo reverberar “Aluga-se” em outros espaços, para além da academia.

² Ver mais em:

<https://nataliabonavides.com.br/justica-decide-pela-11a-vez-favoravelmente-a-acao-da-deputada-natalia-bonavides-e-exige-retorno-das-linhas-de-onibus-em-natal/>

³ Ver mais em: <https://agorarn.com.br/ultimas/natal-tarifas-de-onibus-mais-caras-nordeste/>

⁴ Para assistir “Aluga-se”: <https://youtu.be/Ej-OqCwKxRE?si=upoWwgG5pfvLuUBF>

Referências

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Willi Bolle e Olgária Matos (orgs.). Belo Horizonte/São Paulo, Editora da UFMG/Imprensa Oficial, 2007.

_____. *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas, vol. 1, São Paulo, Brasiliense, 1985.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. São Paulo, Editora G. Gili, 2013.

_____. *Caminhar e parar*. São Paulo, Gustavo Gili, 2017.

CORADINI, Lisabete. *Memorias del futuro : imagenes y discurso de la ciudad latinoamericana*. Cidade do México: Universidad Autónoma del México, 1999. 225 p. Disponível em: <https://ru.dgb.unam.mx/handle/20.500.14330/TES01000273982>. Acesso em: 17 jun. 2024.

INGOLD, Tim. *Antropologia: Para que serve*/Tim Ingold; tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. – (Coleção Antropologia).

SAMAIN, Etienne. “As imagens não são bolas de sinuca”. In: *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

VEDANA, Viviane. Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir de um paradigma ecológico. *Ilha*, v. 20, n. 1, p. 117-144, jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/21758034.2018v20n1p117/37472>>.